

(Foto)performance no Sítio Arqueológico de Pompeia, Itália: o ser artista-turista

Matheus Kayssan Opa¹

RESUMO:

O presente artigo propõe uma reflexão sobre uma tarde performática no Sítio Arqueológico de Pompeia, Itália, cidade destruída por uma erupção do vulcão Vesúvio cujas ruínas permanecem sendo alvo de turistas. Assim, tendo tal lugar como catalisador poético, como o artista se entende em um espaço turístico? Como ele pode se portar? Para responder tais questionamentos, trago as teorias da Deriva de Guy Debord (1931 – 1984) e sobre o *flâneur* de Walter Benjamin (1892 – 1940). Artista-turista é esse que *flana* pelas ruas procurando (ou não) algo que não sabe o que é, derivando, sentindo o sabor do urbanismo pelo seu tato. O texto explora como foi a viagem-obra às ruínas, como a performance se fez e os desdobramentos poéticos do registro além de uma reflexão sobre o que é ser turista e artista ao mesmo tempo.

¹ VIS/UnB

Palavras-chave: Pompeia. Performance. Fotoperformance. Arte-Turismo. Deriva. Flâneur.

ABSTRACT:

The following essay invites us to reflect about a performatic afternoon inside the Pompeii Archeological Area, in Italy, a city destroyed by the Vesuvius eruption and whose ruins remained being a target for the tourists. So, having this place as a poetic catalyzer, how does an artist behave in a touristic area? How can one act proper to oneself being an artist and a tourist in there? To answer that questioning, I bring forth the Theory of the *Dérive* by Guy Debord (1931 – 1984) and about the *flâneur* from Walter Benjamin (1892 – 1940). Artist-tourist is that one that *flanes* the streets searching for (or not) something that he doesn't acknowledge what it is, *drifting*, feeling the urbanism flavor through his/her skin. The text also explores how the trip-artwork to the ruins was, how the performance went and the art registry's poetic outspreading besides a reflection on what is like to be a tourist and artist at the same time.

Keywords: Pompeii. Performance. Photoperformance. Art-Tourism. Dérive. Flâneur.

I was left to my own devices

Many days fell away with nothing to show
and the walls kept tumbling down

in the city that we love

Great clouds roll over the hills

Bringing darkness from above

(Pompeii, Bastille. Compositor: Dan Smith)

Introdução ou “Como foi a viagem à Pompeia?”

Pompéia é uma cidade complexa. Semidestruída por erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C., na sua arquitetura, preservaram-se as colunas, os afrescos, algumas casas e até o formato fiel como as pessoas morreram. É um arquétipo do dano. Com o Vesúvio, todos eram iguais, não importava a via que moravam, se eram gladiadores ou não, escravos ou não, clientes ou patrões. Só se sobrou a arquitetura.

É um Sítio Arqueológico muito visitado. E tal fato me fez pensar o porquê dessa contemplação à morte e conservação da morte. O que atrai os turistas? Para descobri-lo, coloquei-me na função de um. Porém, me pareceu estranho porque eu já tinha uma função prévia, eu sou artista.

Minha ida a Pompeia explora, então, a conjunção desses dois conceitos do ser artista e ser turista. Turista este que produz imagem pensando ela poeticamente. Artista que explora um espaço que não é sua casa, mas se sente à vontade. Turista transgressor. Artista nômade. Artista-Turista.

Fazer Arte-Turismo, logo, brinca com esses devaneios poéticos sobre transgressão e o andar pensando nos conceitos de Walter Benjamin (1892 – 1940) sobre o *flâneur* e o conceito de Guy Debord (1931 – 1984) sobre deriva.

Os dois se encaixam bem, porque uma *flânerie* por uma rua é colocar em prática a teoria situacionista debordiana sobre o andar na cidade. É sentir cada cheiro de esgoto, dobrar cada esquina sem medo do porvir, conhecer pessoas, se aventurar no inesperado, se jogar às fachadas, ao urbanismo e ao planejamento urbano.

Pompeia traz com suas calçadas, histórias e locais, apontamentos para pensar sobre a Arte do andar por ponto turístico. Artista *flâneur* à deriva produzindo imagens, quem é esse?

Falando em produzir imagens. O que mais impressionam o senso comum em Pompeia, além da arquitetura, são as pessoas assim que começaram as escavações. As cinzas e a lama que cobriram a cidade conservaram não só os blocos arquitetônicos, mas transformaram os habitantes em esculturas de pedra.

Assim, ademais da problemática dos dois postos (turista + artista), surge uma indagação sobre esse processo de perdurar o processo artístico do conhecer Pompeia. Antes do advento das mídias sociais, pessoas se reuniam para mostrar slides projetados das fotos que tiravam, hoje, já postam automaticamente no Facebook, Instagram, Snapchat e etc. para que todo mundo já veja e acompanhe em tempo real como sua viagem está acontecendo.

Como, então, visto que o registro turístico artístico é importante para mim, o Artista-Turista dá seguimento à sua viagem-obra? Como pensar isso em produto artístico final? Tem um final? Tem início? Tem clímax? Tem método?

Artista-Turista: método como fim (?) artístico

Andar. Verbo intransitivo praticado por tantos objetos diretos na sociedade paradoxal contemporânea. Paradoxal ela por aparentar não ter um rumo, um guia, uma direção, mas nos leva a correr em direção a algo que não sabemos o que é deixando para trás detalhes da vida cotidiana que nos poderia ser caros.

Já previa Ralph Waldo Emerson (1803-82), em seu ensaioⁱ *Prudence* de 1841, que a contemporaneidade seria um patinar sobre gelo fino onde nossa segurança encontra-se tão somente em nossa velocidade. Bailaríamos sobre a iminência da queda sem saber a técnica de patinação nem aonde ir, contudo precisaríamos ir rápido, assim, sem ver o chão, o movimento, o percurso e tampouco o ambiente.

O andar na sociedade moderna pós-industrial muitas vezes se limitou e se limita ao nosso destino final. Temos todas nós um lugar certo para ir que embora não entendamos bem o que é, precisamos chegar lá, e nesse movimento fluxo de ida-vinda, não nos percebemos como transeuntes, apenas como máquinas de transporte, como um avião que não vê as nuvens ou um trem que não vê as pichações em um túnel.

Assim, ao nos deparar com lugares que não são nossas casas, como agiríamos? O que fazemos quando turistamos? Seríamos essa mesma máquina de ir e vir que transporta força de trabalho de um lugar a outro igual em casa?

Não. Turista já é um bicho chato por natureza que vê o que locais não veem normalmente, que registra os espaços pelos quais ele transita. Em arquiteturas famosas, praias, obras de arte reconhecidas pelo público de massa, sempre há algumas dezenas ou centenas de cabeças com seus *paus de selfie* fotografando o fenômeno “estive aqui” e postando em suas redes sociais.

Esse fato talvez lhes diferenciasse dos habitantes da região turistada. Mesmo assim, muitos de nós que queremos novas aventuras, novos lugares e conhecer coisas fora do habitual acabamos por ver o óbvio, cegos pelo que o senso comum, amigos de infância ou o pacote do guia de turismo disse que devemos ver.

Não conheço nenhuma pessoa, logo, que foi ao Louvre para ver aqueles quadros que ficam nos corredores de artistas desconhecidos. A imensa maioria, isso inclui a mim também, querem ver a Mona Lisa, trabalhos de Caravaggio (1571 – 1610) e Delacroix (1798 – 1863). É raro nos determos em frente a um quadro que não vimos na escola e ficarmos ali por alguns minutos, a não ser se seu olhar for mais sensível que a maioria.

Nesse contexto, trago a teoria da Deriva de Guy Debord (1931 – 94) e dos Situacionistas que analisavam o trajeto de uma ou mais pessoas em um contexto urbano onde se analisa detalhes que desnorream emocionalmente, que deslumbram, mas foge do comum. Debord assinala:

As grandes cidades são favoráveis à distração que chamamos de deriva. A deriva é uma técnica do andar sem rumo. Ela se mistura à influência do cenário. Todas as casas são belas. A arquitetura deve se tornar apaixonante. Nós não saberíamos considerar tipos de construção menores. O novo urbanismo é inseparável das transformações econômicas e sociais felizmente inevitáveis. É possível se pensar que as reivindicações revolucionárias de uma época correspondem à idéia que essa época tem da felicidade. A valorização dos lazeres não é uma brincadeira. Nós insistimos que é preciso se inventar novos jogos (DEBORD, 1954)

O artista, ou qualquer pessoa dotada de sensibilidade para ver o que normalmente não se vê, entra aqui. Transitamos por ruas olhando e procurando o inusitado, o novo, o estranho ou jocoso. Qualquer mínima junção de concreto vira objeto para contemplação, qualquer combinação de céu com arquitetura vira motivo para uma foto artística.

Nosso turismo na maioria das vezes tem outros olhares, olhares estes que analisa o picho, o grafite, que permite se contaminar pela experiência de vida dos locais e etc. O artista gosta de andar sem rumo, se mistura às belas paisagens arquitetônicas, é *flâneur*.

O conceito de *flâneur*, desenvolvido por Benjamin (1994), explicita aquele indivíduo burguês que, pela herança da aristocracia, tem tempo de sobra (ócio) para usar para seu devaneio poético-boêmio. Massagli (2008) afirma que “Olhos e pernas são a essência do *flanêur* e da *flanêurie*. Para isso, há que existir um ambiente propício ao seu flamar”.

Cada artista turista escolhe seu destino e faz seu roteiro como bem entende, não utiliza aqui

de pacotes fechados porque se permite andar com pés e olhos atentos ao novo e errar nos seus caminhos porque a experiência faz vir conhecimentos, emoções e atitudes transgressoras.

Linke (2011) define turismo com a vontade e a precisão humana de estar em outro lugar viajando para outros destinos, a artista pesquisadora também fala sobre a transgressão artística desse artista-turista.

Vários pontos turísticos ou de lazer trazem portas trancadas ou lugares que são inacessíveis ao público em massa. Barreiras e dizeres como *Somente Pessoal Autorizado* fazem parte da rotina desses espaços que comumente separam não só as visitantes dos trabalhadores, mas muitas vezes os ricos dos pobres. Áreas reservadas para pessoas com mais dinheiro – *VIP Areas* – não são difíceis de encontrar, há uma separação de espaço da grande massa e do público mais abastado.

Em Brasília, temos um exemplo com a particularização do acesso ao Lago Paranoá. No Lago Norte e Lago Sul, bairros do Distrito Federal, as mansões cercaram e subiram um muro, impedindo que as pessoas se banhassem na margem que está dentro de sua propriedade. Atualmente, o Governo do DF sancionou uma lei que desocupa aquele local, abrindo um local para se circular entre os casarões modernos e a água; contudo, ainda há lotes que impedem a livre passagem dessas pessoas por ali.

Linke (2011) explora justamente esses espaços. Com o turismo artístico e o ato de caminhar como liberação de fronteiras, ela entra ilegalmente em diversas áreas pertencentes a diversas propriedades privadas como empresas, condomínios ou mansões.

A artista juntamente com Louise Ganz começou uma agência de viagens *ThisLandYourLand* –

Journeys que vende pacotes de caminhadas turísticas em lugares privados de difícil acesso.

Oferecemos lindos passeios guiados, individuais ou em pequenos grupos, nos arredores da cidade, ou percorrendo trechos de natureza urbana, para fazer você se sentir revigorado. Levamos a lugares deliciosos na natureza: poços de água, cascatas, matos, pedras, florestas, áreas de preservação ambiental, mineradoras, terras vermelhas, gramados, campos de cerrado, morros, córregos de água transparente, nascentes, caminhos verdes, mirantes, etc. Para chegar nesses lugares precisamos negociar, entrar escondido, pular cercas, invadir a propriedade privada, desviar, subir, descer e andar em lugares livremente. (...) Podemos roubar algumas pequenas plantas do cerrado para plantar em nossos vasos ou simplesmente relaxar. Nunca sabemos se alcançaremos o destino desejado. *This land your land Journeys* é uma agência de turismo, que pode ser contactada via email: thislandyourland@gmail.com

(LINKE, Ines. THIS LAND YOUR LAND JOURNEYS. Disponível em: <http://thislandyourlandtrabalhoseprojetos.blogspot.com.br/2011/04/this-land-your-journeys.html>. Acesso em 24/11/16, às 16:41)



I: This Land Your Land. Registro Fotográfico, 2010.

O trabalho de Linke e Ganz (2011) traz uma discussão sobre o artista-turista, o caminhar como potência artística transgressora. A arte que pula cerca, que invade territórios que não são seus, que modifica o cotidiano da natureza, o fluxo daqueles que a praticam e que a assistem com um simples passeio de domingo em Belo Horizonte. O espaço, para elas, “não é uma categoria que forma a percepção, mas uma invenção, uma organização ficcional onde se pode construir ou desconstruir noções de realidade” (LINKE, 2011. P. 354).

Portanto, Linke e Ganz (2011) utilizaram o método do turismo como meio artístico. O devaneio, o se passar por bem-intencionado, aquele que é lido como perdido, o *flâneur* para transgredir e formar imagens foto performáticas.

Já estive quase que na mesma posição. Elas fazem uma análise do andar dentro de um espaço sacro chamado propriedade privada, mão armada da política neoliberal que, para muitos e muitas, é sinônimo de progresso e civilidade.

Eu concebo meu andar como crítica ao andar desatento, meu corpo ativa percursos não usuais como aquele do flâneur que deriva pelas ruas de Paris procurando becos e histórias inventadas por ele mesmo. Optei por comprar meu pacote turístico feito por mim mesmo para Pompéia, Itália. Cidade ruína, cheia de memória, vida e morte em sua concepção.

A cidade de Pompéia foi uma cidade do Império Romano até ser destruída por uma erupção do vulcão Vesúvio no ano de 79 d.C. As ruínas só foram achadas no século XVIII. Beard (2008) explicita que a vida ali era muito ativa, com comércios, salas de banho e entretenimento. Mas, para quem visitou o sítio, não precisava de um livro para saber. A cidade tão cheia de vida por uma fatalidade natural sucumbiu à morte em massa.

Lá, só se ouvia meus passos utilizando do método artista-turista. Era um dia frio e não havia muitas pessoas ali apesar de as ruínas de Pompeia serem consideradas um Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO.



II: Mapa de Pompeia. Disponível em: <http://www.sitabus.it/wp-content/uploads/2015/04/Scavi-archeologici-Excavations-Pompeii.jpg>. Acesso em: 24/11/16, 18:10.

O sítio arqueológico de Pompeia é imenso conforme Imagem II. Passei a tarde, devaneando, procurando aventuras no nada, escutando o silêncio do barulho dos meus passos, passando frio e me entrando em lugares que turistas não podem entrar desempenhando meu papel de artista-turista.

Percorri alguns quilômetros, muito mais que eu pude calcular porque estava concentrado em achar lugares onde eu poderia me fundir às paredes da ruína. Procurava por todos os tipos de lugares que turistas normais não viam, coisas incomuns, quartos não explorados, cercas para eu pular, valas para me enfiar etc. Consegui achar algumas e, nesses becos que minha alma *flâneur* achou, eu performei.

Cometi o erro de não ter visto meus percursos dentro da cidade arqueológica, estava nervoso e não lembro exatamente o que vi, tive de buscar auxílio do *Google Maps*² para me ajudar a

lembrar as ruas que derivei.

Na plataforma, pude encontrar nostalgicamente a arquitetura que me encantou, os lugares que tive de escalar para entrar, onde eu caí, onde eu me aventurei, onde o segurança ficou de olho em mim, onde eu fotografei, onde eu fiz vídeo, onde eu me senti bem, onde eu me senti mal.

Não obstante, mesmo assim, embora chegue bem perto da precisão, o percurso que desenhei não é exatamente os que fizeram meus pés, mas sim o que faz minha memória da tarde de março de 2014. Vejo algumas cercas, muretas, casas e rotas pelo *Google Street View* que me são familiares, então, o resultado foi esse mapa (imagem III).

O que me interessa, na verdade, é os locais onde eu fiz as fotoperformances afinal o método artista-turista é derivar sem rumo, permitindo-se ao erro.



III: Meu Percurso em Pompeia a partir do Google Maps². Registro de caminhada.

Querido Diário de Arte-Viagem,

Se o conceito de Deriva por Debord (1958) “se opõe em todos os aspectos às noções clássicas de viagem e passeio” (DEBORD, 1958, p.1), eu tinha que sair da noção clássica de passear. Já cheguei em Pompeia concentrado, algo como muitas dizem ser o Estado da Performance, minha pesquisa por lugares abandonados e/ou ruínas não é de agora, o diferencial de Pompeia é a deriva e as longas caminhadas que uma casa abandonada no meio da loucura da cidade não tem.

O espaço do abandono é, por si só, o espaço do silêncio, do invisível e muitas vezes do medo do inesperado. A ruína é esquecida pelos olhos comuns, num primeiro olhar, ela, ali, não está. Precisa-se de devaneio, introspecção, de um senso crítico ou necessidade e falta de teto para senti-la, para [ad]mirá-la e [re]significá-la. (OPA, 2016, p. 391)

A ruína que trato nesse texto é a Piscina de Ondas do Parque da Cidade que além de ruína é um espaço abandonado. Uma ruína sem abandono é um local de contemplação turística como é o caso de Pompeia. Pompeia não foi esquecida, pelo contrário, ela recebe milhares de turistas por ano, o que lhe foi esquecida é a memória de mais de dois mil anos atrás, seus becos, pequenas coisas que ninguém vê e suas cercas que ninguém pula.

Em Pompeia, existem áreas específicas que o turista não pode entrar porque é uma escavação ou um espaço de estudo ainda que não está liberado. Minha mente transgressora ao ver essas cercas ou um *Proibido Entrar* em italiano.

Pulei, escalei lugares que não se tem acesso, ralei meus braços, minhas pernas, e concebo todo esse processo como fim artístico da grande performance que foi eu estar turistando em Pompeia “uma vez que cada *performer* cria sua própria definição ao longo de seu processo e

modo de execução” (GOLDBERG, p. IX).

A primeira imagem com a qual me deparo ao entrar no Sítio Arqueológico foi a do imenso Anfiteatro. A arquitetura dos Anfiteatros romanos é muito peculiar visto que eram locais para gladiadores lutarem até a morte, espaço de embate e exploração pelo entretenimento.

Quando entro ali, me deparo com uma imensa poça de água – em março, aparentemente, só chove na Itália – que, com o vento, dança para me receber. Fiz um vídeo³ registrando-a e uma fotografia.



IIIIV: Cheguei. Matheus K. Opa. 2015. Itália. Fotografia Digital

Os turistas que ali estavam se importaram com a poça de maneira negativa, desejando que ela não estivesse ali. Eu a contemplei, senti e ouvi o vento bater nela. Cheguei a entrar e ficar

dentro dela por alguns minutos, despertando a curiosidade dos turistas que não entendiam por que eu estaria ali na poça de chuva no frio.

A água foi como um aquecimento, apesar de fria, para minha caminhada. Contemplei o anfiteatro e segui com meus fones de ouvido cor de rosa para saída. Logo mais na frente, devido à calçada antiga, caí no chão e meus fones voaram longe. Os fones rosas já chamam demais a atenção. “É um turista estranho ele” – diriam. “Sem rumo, sozinho, em devaneio, em deriva, *flâneur*”.



V: Cai. Matheus K. Opa. 2015. Itália. Fotografia Digital

Me ralei (pela primeira vez) e minha calça se sujou toda. Segui por aquela ruela e me deparei com um pequeno aposento⁴ feito de pedra que seria impossível a entrada se eu não fosse curioso e não estivesse sob o método Arte-Turismo.

Havia buracos pelos quais eu poderia entrar e esperei um casal se distanciar e me enfiei e entrei lá dentro. Fico pensando que muito dificilmente iriam me encontrar ali dentro daquele espaço, poderia montar uma barraca, tirar um cochilo, ler um livro e habitar aquele espaço. O difícil seria escapar das câmeras de segurança que havia lá perto, mas, dentro daquele “quartinho”, eu estava sossegado.

O sossego me deu vontade de fazer cocô.

Arrumei a câmera.

Tirei minhas roupas.

Fiquei de cócoras.

Fiz o primeiro cocô performático.

Num banheiro italiano.



VI: Caguei. Matheus K. Opa. 2015. Itália. Fotografia Digital

Talvez não tenha sido a melhor experiência fisiológica mais agradável da vida, mas, meu cocô me rendeu um questionamento que foi além de ler rótulos de shampoo em um vaso sanitário dentro do meu confortável banheiro.

Pensei no texto de Luiz Cláudio da Costa (1958 - ...), onde ele pensa o registro na Arte Contemporânea. O autor analisa um trabalho de Lygia Clark (1920 – 1988) que se consiste em cortar no meio uma fita de *moebius* que simboliza a infinidade; a artista nomeia a obra como *Caminhando*.

“Vivenciar nessa ação um espaço sem limites precisos entre o interior e o exterior podia criar modos de subjetivação e de existência, isto é, uma nova disposição para o olhar e para o viver” (COSTA, 2009, p. 20). Tal obra, visivelmente localizada em um específico espaço de tempo, não perdura e se faz efêmera tendo apenas registros, experiências mnésicas e vestígios como sujeira que também podem ser facilmente limpados da face da Terra.

O presente que passa permanece virtualmente, mas não deixa um objeto de arte, e o que resta do evento passado não permitem o culto a uma forma única, necessário ao mercado de arte. Fica apenas algo da ordem do tempo: a memória corporal ou a documentação material do que se passou. (...) O tempo vivo, em vez da representação, é o que passa a importar aos artistas. (COSTA, 2009, p. 10-11)

A fotografia que se produz no presente e no futuro e os resíduos que ficam para trás fazem parte da poética do trabalho. Minhas necessidades fisiológicas faziam parte do percurso que tanto falo do Artista-Turista *flâneur* que deriva, ele entra em becos para explorar, se dá vontade de defecar, ele vai defecar. Meu cocô, portanto, “se afirma plástica e poeticamente, possui certa autonomia e inscreve, transfere e traduz impressões, sentidos e problemas de várias ordens” (COSTA, 2009, p. 24).

Sorte que eu tinha guardanapo na bolsa

e aprendi a enterrar coisas muito bem.

Registro da arte

virou adubo de ruína.

Saí daquele local e andei até achar uma casinha. Até então, não havia visto cores. Descobri depois que a casinha tinha nome: *Casa di Obellio Firmo*⁵. Pareceria aos meus olhos ingênuos uma casa tão escondida porque não havia ninguém nas redondezas que eu ouvi me misturar nas paredes do ambiente privado.

Pulei a cerca, desci correndo aos aposentos, tirei a roupa e me conjurei com as cores de cada uma das paredes. Foi complexo porque eu tinha que pensar na posição que eu teria de ficar, onde a câmera teria de ficar, como teríamos de nos relacionar com a luz e ficar atento aos turistas comuns.





VII, VIII, IX: Escondi. Matheus K. Opa. 2015. Itália. Fotografia Digital

Havia uma coluna! Agora penso que eu poderia tê-la levado comigo, teria sido um crime contra a UNESCO, contra o Sítio de Pompeia, contra a Itália ou contra a memória de *Obellio Firmo*? Já estava invadindo a casa dele, acho que um crime a mais ou a menos, não faria diferença.

Laurence (1994) traz a informação de que o dono da casa que entrei era membro de uma seleta elite pompeiana. Assim, entro na casa de Obellio, pelos fundos, me escondo, brinco com suas paredes, mexo no pedaço da coluna, mas infelizmente a deixo ali. Deveria tê-la levado e a escondido.

Brincar de pique-esconde, correndo e fugindo e se embrenhando na arquitetura em um Patrimônio Mundial da UNESCO. Acho que isso é ser artista, pode discordar se quiser. Arte é isso. – A Casa de Obellio me dera uma ótima ideia.

A passividade (entendida como ato de passar, passar sem perceber) do ser humano atual faz o corpo correr, tudo se apressar e a vida passar, a mente morrer, a arte calar nos museus caros ou nas galerias inacessíveis aos errantes. O artista é um fugitivo, traidor, desconfia das regras, dos espaços ditos públicos e da civilização. São civis? Ou são militares? Civilização ou militarização? O artista é capaz de mostrar ao plano do ser humano civilizado, outros lados do quadrado. (ALBUQUERQUE e MEDEIROS, 2014)

Desci para a cidade para explorar melhor as ruas e brincar de *flâneur*. As ruas me chamaram e eu fui. Fui depressa como um menino que vê um tobogã pela primeira vez, trocando os passos, agilizando as pernas, escapando do frio, aquecendo meu corpo. Decido então provocar, ir contra a passividade.

Fui a um local que eu sabia que teria segurança. Mas, aparentemente, não encontrei assim tão fácil. Só encontrei quando esbarrei com um na *Casa dei Dioscuri*. Agi muito suspeito, dançando, me esfregando em lugares que não pode, e ia e voltava ao mesmo lugar. Isso chamou a atenção do segurança que começou a me perseguir.

Voltei à rua bem devagar a fim de que ele pudesse me seguir e eu ia perambulando pelas ruas, como um *flâneur* bêbado até que vi uma casa tão fofa que decidi pular a cerca que a separava da rua enquanto o segurança não virava a esquina.

Pulei

invadi a casa

tirei a camisa

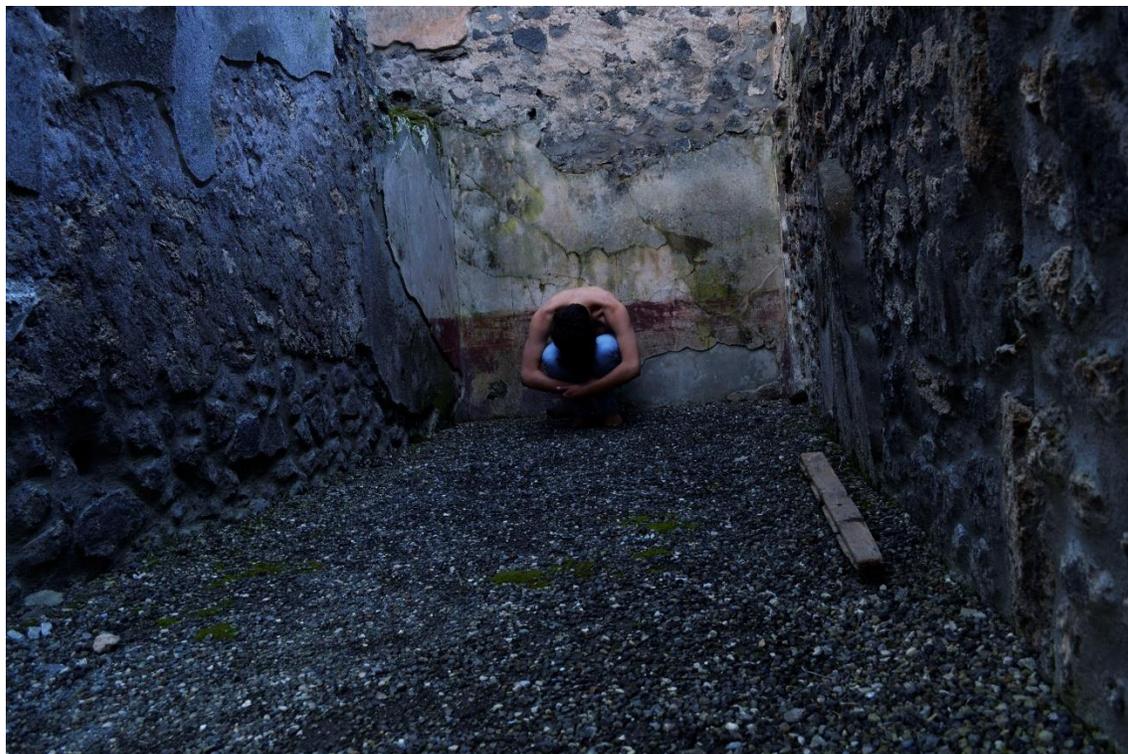
correndo

sob adrenalina

e com medo de o segurança me encontrar

programei a câmera

me escondi



X: Fugi. Matheus K Opa. Itália, 2015. Fotografia digital.

No registro, parece que eu estou muito calmo. Mas estou ofegante, estava correndo, tenso. Decidi que estava frio demais, estava com fome e não havia pães para eu roubar datados da época de Jesus Cristo.

Resolvi agradecer a todos os momentos que passei nessa tarde cansativa. do +que uma espiritualidade em um espaço de ruína. Império Romano antes de ter adotado o Cristianismo, acreditava em várias divindades.

Fui até o Fórum, onde se concentram os Templos e achei uma estátua, até hoje não sei o que significa, mas se adequou para mim. Uma divindade que talvez não seria divindade? Uma obra de arte que a primeiros olhos não se sabe muito bem o que é.

A mulher, a dona da casa, a que me recebia de braços abertos. Mas, uma anônima, antiga, imóvel, resistente, duradora. E eu: o que busca o reconhecimento, jovem, *flâneur*, frágil, efêmero.





XI, XII: Despedi. Matheus K Opa. 2015, Itália. Fotografia digital.

Destemido, me vesti. Fui às ruas, a missão é procurar a saída.

Foi mais difícil que o percurso de Nápoles até Pompeia em um trem velho e lotado. Meus passos e as ruas ficavam cada vez mais apertadas. Onde entra o *flâneur* aqui? Como acabar a *flânerie*? Assim, como o mito de Minos e do Labirinto, me desesperei para achar a saída, mas não havia os fios de Ariadne para me guiar, eu estava à deriva, mas meu grupo era de um artista só.

O sol se punha e só teorias me veem à mente.

Pensei que eu era uma vítima da minha própria armadilha. Um *flâneur* que se aventura nas ruas, mas com um propósito específico, com os pés seguindo uma vontade artística, contudo

Benjamin (1989) já havia me contado que o *flâneur* faz da rua sua casa. A arquitetura dos prédios de pedra de dois mil anos atrás era minha, as cercas que eu pulei fui eu que pinteí, as vias que percorri são os meus corredores que me direcionam aos meus aposentos que datam da época que Jesus Cristo era apenas uma profecia.

Talvez eu me forcei a ser o conceito de Benjamin (1989), talvez eu fingi sê-lo. Entretanto, à deriva, me diverti... como *flâneur* nenhum se divertira antes em Pompeia.

Mas, no fim, me acalmei e abri a janela:



XIII: Zarpei. Matheus K Opa. Itália, 2015.

Conclusão ou “Quem é o Artista-Turista?”

Não sei se me perdi ou me ganhei no conceito de deriva. Talvez seja isso mesmo. Não saber,

derivar, nada saber. Ao-bando-nada. O-bando-nada. O bando nada no nada. Ele boia. Ele não entende nada. Ele nada entende e nada. Deriva. Voa como Ícaro que, por deslumbre, perdeu suas asas por voar demais, mas, que no fim, morre se fundindo ao mar.

Performar em uma cidade de ruína foi isso. Andar pelas ruas, encontrando e se desbravando ao lado de pedregulhos antigos, fugir, entrar em lugares proibidos, fazer coisas proibidas que vão além até mesmo dos limites corporais: passei frio nu, me ralei, caí, mas senti.

Senti todas as vozes, ouvi todos os ventos, cheirei todos os sons. Discuti, comigo mesmo e agora com você, cara leitora ou caro leitor, o que é esse ser artista-turista que vagueia, vago, vagabundo; que pula cercas que os cercam os pulos; o *flâneur* em *flânerie*; intencionado que se passa por perdido; mas, talvez sejamos mesmo.

Artista-turista é meus ossos cansados que percorrem as ruas sem rumo, porém, com intenções, más e/ou boas, sem dicotomias. O transgressor. O que propõe imagem onde ninguém podia entrar ou quis entrar. A' que faz arte rindo da cara do perigo de ser pego. O que se esconde, gera desconfiança. O que desconfia e persegue. Persegue o acaso, foge do medo.

Fazer arte-turismo é conhecer si mesmo pelo outro e pela criação do outro. Se entender pelos afrescos, esculturas, arquiteturas. Se embrenha em folhas secas, agacha, admira, mira, significa e resignifica o espaço.

É ouvir. É achar os 11 sentidos⁶ dentro de um lugar que não é sua casa, mas que ele clama por ser seu lar. Lá, ele anda à vontade, caminha, transita, transa, come, bebe, se masturba. Lá, ele protege. Lá, ele é protegido. Mas, ainda que ele reconheça como seu lar, o artista-turista é nômade.

É pensar que seu turismo é imagem. Que sua vivência é resquício. Vestígio de passagem.

Estive aqui, caguei aqui. É grafar, gravar, perforgravar, videografar, fotografar. É pensar que aquela reunião de amigos para contar como foi uma viagem vai entrar na sua poética. Os slides, clichês, histórias são todos objetos de arte.

A artista-turista, assim, tem como suas obras as viagens fugidias e efêmeras. E como preocupação: conservá-las e/ou dar continuidade a suas poéticas – que não morre, vive e se reascende até mesmo com uma faísca mnésica que nos leva a outrora.

Como fazê-lo? Ah... isso depende de cada artista e/ou turista, Costa (2009) fala de fragmentos, as sobras das intervenções, materiais, fotografias, filmes, objetos, desenhos, esquetes etc.

E é isso mesmo, mas, eu ainda acrescentaria à lista:

- Contação de histórias;
- Um belo cocô; e
- Artigos científicos.

Referências Bibliográficas

SMITH, Dan. *Pompeii*. Intérpretes: Bastille. In: *Bad Blood*. Londres: Virgin Records, 2013.

BEARD, Mary (2008). *Pompeii: The Life of a Roman Town*. Profile Books. ISBN 978-1-86197-596-6.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

COSTA, Luiz Cláudio da Costa (org.). *Dispositivos de registro na arte contemporânea*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

ALBUQUERQUE, N.; MEDEIROS, M. B. de. *Composição Urbana: surpresa e fuleragem*. Disponível em:

<http://grafiasdebiamedeiros.blogspot.com.br/2014/05/composicao-urbana-surpreensao-e.html>. Acesso em: 27/11/2016, 22:01.

DEBORD, Guy et al. **Potlach**. Volume 14. Paris, 1954. Reimpresso em Potlatch 1954-1957.

DEBORD, Guy. **“Teoria da Deriva”**. Disponível em:

<https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/03/guy-debord-teoria-da-deriva.pdf>. Acesso em 29/11/2016, às 00:09.

GOLDBERG, Roselee. **A arte da performance – do futurismo ao presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LINKE, Ines. **This Land Your Land: turismo, transgressão e mobilidade**. In: Cirillo, José; Teresa Espantoso R. y Carolina Vanegas C. (orgs.) II Seminario Internacional sobre Arte Público en Latinoamérica. Arte público y espacios políticos: interacciones y fracturas en las ciudades latinoamericanas. Vitória, Brasil: UFES, Comarte, 2011. P. 345 – 356.

_____. **THIS LAND YOUR LAND JOURNEYS**. Disponível em: <http://thislandyourlandtrabalhoseprojetos.blogspot.com.br/2011/04/this-land-your-journeys.html>. Acesso em 24/11/16, às 16:41

LAURENCE, Ray. **Roman Pompeii, Space and Society**. London: Routledge, 1994

MASSAGLI, Sergio Roberto. **Homem da multidão e o flâneur no conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe**. In: Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 12 (Jun. 2008) – 1-170. ISSN 1678-2054. Disponível em http://www.uel.br/pos/letras/terraroixa/g_pdf/vol12/TRvol12f.pdf

OPA, Matheus K. **Espaços de Mnemosine – apropriação de memória em site specific com fotoperformance**. In: VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (orgs.). Anais do 16º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia. Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016. ISSN 2239-0272. Disponível em:

https://art.medialab.ufg.br/up/779/o/Matheus_Opa.pdf

ⁱ “In skating over thin ice our safety is in our speed” WALDO, Ralph E.

<http://www.emersoncentral.com/prudence.htm>

² Explore Pompeia em:

<https://www.google.com.br/maps/place/80045+Pompeii,+N%C3%A1poles,+It%C3%A1lia/@40.7466143,14.4586626,9805m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x133bbc95914ba4ef:0xd2d18a72aeb414a4!8m2!3d40.7461572!4d14.4989344> acesso em 25/11/16, às 16:30.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=-x7lpkGy2As>, Água empoçada em Pompeia.

⁴ Localização do aposento em:

www.google.com.br/maps/place/80045+Pompeia,+N%C3%A1poles,+It%C3%A1lia/@40.7510467,14.4952856,124a,20y,41.68t/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x133bbc95ebb5a441:0x409e11f9963d530!8m2!3d40.7481323!4d14.4898001

Imagens dele por fora:

<https://www.google.com.br/maps/place/80045+Pompeia,+N%C3%A1poles,+It%C3%A1lia/@40.7519828,14.4957012,3a,60y,263.1h,97.97t/data=!3m6!1e1!3m4!1s5s4bSH-hxYIVym2HF9xmjw!2e0!7i13312!8i6656!4m5!3m4!1s0x133bbc95ebb5a441:0x409e11f9963d530!8m2!3d40.7481323!4d14.4898001!6m1!1e1>

⁵ *Casa di Obellio Firmo*

<https://www.google.com.br/maps/place/Casa+di+Obellio+Firmo/@40.7522061,14.4892475,3a,60y,343.11h,76.13t/data=!3m6!1e1!3m4!1sUlJwYhKEhHjndtYuIkNJ4w!2e0!7i13312!8i6656!4m5!3m4!1s0x0:0xd7873314913009f4!8m2!3d40.7526381!4d14.489159>

⁶ O Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos, surgido em Brasília em 1991, nos instiga a encontrar, cada um (a), os seus próprios 11 sentidos. Assistindo arte, sentindo a arte, ouvindo a arte, comendo a arte ou fazendo a arte.